

# AMBIENTE DE CALAMIDADE

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Ontem, voltando de uma curta estada em Petrópolis, encontrei a Capital com greve de transportes. Atravéssei a Praça Mauá debaixo de chuva. A Praça Mauá, mesmo com céu azul e sol refulgente, é um dos lugares mais feios do mundo; imaginem o que não será com chuva, lama, tristeza e greve de transportes. Em frente da Rodoviária, e quase diante do bar onde o poderoso Zica faz lei, há um pedaço de terra cercado, plantado com rala folhagem amarela e verde, cheio de tampas de garrafa e pontas de cigarro. No centro dessa elipse torta, subtraída ao asfalto, há um ietreiro condensando a solicitude dos poderes municipais e o gênio pedagógico da cidade neste ensinamento: "Este jardim é seu, conserve-o". Deveria eu, para seguir o conselho ou o preceito, ficar ali de cócoras, na chuva, cantando as tampinhas de garrafa e as pontas de cigarro? Ou deverei levar a sério o direito de propriedade que o cartaz me concede? Um grupo de pessoas na esquina falava sobre a greve e sobre a situação. Um mulato alto, que acabara de ouvir não sei que argumento de um sujeito gordo e vestido de azul, cuspiu para o lado e soltou esta frase: "Ele não tem autoridade moral para dizer que vai baixar os preços!"

"Ele não tem moral!" Agora é no salão de barbeiro, e a exclamação é do oficial que está escanhando um senhor grisalho. E logo todo o mundo se pôs a falar, a exclamar a mesma coisa numa espécie de coro. Um gaiato disse que iam distribuir helicópteros pelo povo, e o oficial colérico soltou dois ou três palavrões. Os outros riram-se com esse riso gemido que o povo tem para se rir de sua própria miséria. Nesse meio tempo o freguês grisalho repetiu a sentença do barbeiro e declarou que tudo estava assim por falta de moral. Todos concordaram, e cada um trouxe o exemplo ilustrativo da tese.

Em caminho de casa passei pela porta do armazém que ostentava seus preços do dia com enorme despução: feijão preto, Cr\$ 32,00; açúcar, Cr\$ 18,00; camarão, Cr\$ 240. Dias atrás li uma notícia oficial que dizia: "Não faltará pescado na Semana Santa". Todos os anos há um susto de não haver "pescado" e logo depois o alívio de saber que há "pescado". Pescado haverá, meus amigos, mas o que não há é dinheiro para comprá-lo.

Em casa encontrei um côro feminino retomando o tema da Praça Mauá e do Salão de Barbeiro. "Papai, adivinha quanto me pediram por um suéter sem manga... adivinha quanto custou este livro... adivinha quanto está custando o biscoito sortido..." Outro dia mandei uma delas no posto trocar uma correia do ventilador do Volkswagen. Custava, na última vez que comprei, sessenta cruzeiros. Adivinha, leitor, quanto cobraram. Cobraram 380 cruzeiros.

Voltando da Missa, trago nos ouvidos, e Deus queira no coração, o evangelho da paixão segundo São Lucas, e venho repetindo aquela passagem que não sei como se pode ouvir: "adivinha quem te bateu...". E agora vejo que há uma flagelação do povo, que também está de olhos vendados e também é desafiado a adivinhar os preços do dia. Lembrei-me, também, por uma associação qualquer que me escapa, dos dias da grande epidemia de gripe espanhola de 1918. Morria gente pelas ruas, via-se gente em dispnéia de agonia pelas sarjetas da cidade, e passavam caminhões carregados de cadáveres.

E os tios e pais, quando chegavam da rua, traziam sempre uma notícia nova de algum conhecido que morrera. Havia até, pelo que me lembro, uma certa emulação esportiva e macabra, uma espécie de alegria intelectual de ser portador da mais estarrecedora notícia. Não se dizia "adivinha quem morreu", mas pouco faltava... Pois agora sinto no ar o mesmo

ambiente de calamidade. Pode ser que não aconteça nada, mas pode acontecer. Estamos por conta dos acasos das circunstâncias, dos fatos fortuitos que podem de repente soltar a fagulha. E o que me espanta é que quase ninguém veja as causas do fenômeno. Ninguém, na esquina da Praça Mauá no barbeiro, nas portas dos armazéns, fala em Brasília. Ninguém raciocina para concluir que a variação de tantos preços deve ter uma causa única, ou pelo menos uma causa principal. Já tenho proposto a fórmula que ainda não vi repetida, e que talvez não seja tão popular como eu imaginei: "Não é o feijão que está caro, não é a carne, não é o camarão, não é o colégio, não é o café nem a manteiga, não é o transporte nem a gasolina. O que está caro é o governo que temos". O fato é que, tirando alguns economistas e sociólogos, ninguém critica as metas presidenciais; e não me lembro de vigorosa voz oposicionista apontando Brasília como calamidade pública e como causa da intranquilidade que se alastra pelo país. E sobretudo não me lembro de ter lido em algum lugar "que é preciso parar essa loucura de Brasília quanto antes". Parece que a causa é impopular, e que corre-se algum risco em defendê-la. Em rodas pequenas onde lancei a idéia já ouvi objeções deste tipo: agora que já se gastou tanto é melhor prosseguir para salvar o que lá está. Este raciocínio, a meu ver,

é o de um mau jogador de poquer. Além disso, cumpre notar que o que se gastou é pouco em comparação com o que ainda é preciso gastar para que aquilo um dia possa receber um quadro inicial de 30.000 funcionários. Pelos cálculos aproximados de um urbanista, a cidade que tenha 30.000 funcionários deve ter cerca de 450.000 habitantes. E esta cidade, feita num deserto, construída por iniciativa estatal e à custa do tesouro nacional, custará mais de cento e cinquenta bilhões de cruzeiros, dando ao cruzeiro o valor que tem nesta manhã de fins de março de 1959. Isto tudo leva a concluir que estamos muito mais perto do começo do que do fim, e que o prejuízo da suspensão das obras é incomparavelmente menor do que o da continuação. Aplica-se aqui a palavra de Santa Catarina de Sena: "Uma coisa é il peccare, ma la perseverantia nel peccato é cosa di dimonio".

O que não podemos é continuar indefinidamente o paradoxo pelo qual sendo pobres, subdesenvolvidos, endividados, pretendemos sustentar superestruturas luxuosas e caprichos de faraó abastado. Não podemos construir um Brasil futuro em cima da fome e da desmoralização profunda de milhões de atuais brasileiros. Com esta espécie de alicerce não se pode construir obra sólida: isto é o que ensina o mais elementar bom senso, mas a vaidade, a cupidiz e o demônio ensinam outra coisa.